

Os três tempos do objeto no *Fort-Da* (1)

Maria Rita de Oliveira Guimarães

Coordenadora Adjunta do Núcleo de Psicanálise e Criança

O ponto central da investigação que, atualmente, a Nova Rede Cereda realiza, concerne aos três tempos do jogo do *Fort-Da* que se encontram comentados por Lacan, em nova formulação que se anuncia na seguinte frase: “Freud pôde muito bem sublinhar que a criança obstrui o efeito do desaparecimento de sua mãe fazendo-se o agente dele — este fenômeno é secundário” (LACAN, 1964, p.63). Trata-se, assim, de uma afirmação que, imediatamente, convida ao trabalho de situar o que é da ordem do primário na experiência do *Fort-Da*, primário relativo à simbolização da ausência da mãe.

O propósito do trabalho será examinar os três tempos do objeto no *Fort-Da*, nos pontos em que nos orientam na experiência psicanalítica com as crianças, portanto, uma primeira incursão ao tema do jogo do *Fort-Da* pela versão do objeto, “alguma coisinha do sujeito que se destaca” (LACAN, 1964, p.63).

Os três tempos no *Fort-Da*, extraídos na proposta de trabalho

- “o jogo do carretel é a resposta do sujeito ao fosso criado pela ausência da mãe: a ausência da mãe é o que permite que seja inventado o jogo do salto.”
- “Este carretel é alguma coisinha do sujeito que se destaca embora ainda sendo bem dele, que ele ainda segura”.
- “O objeto ao qual se aplica a marca significante — “a encantação” — é ali que devemos designar o sujeito”.

A n o 01 - n º 01 - julho a dezembro de 2007.

Os três tempos que nos orientam na experiência psicanalítica com as crianças, igualmente presentes na proposta de pesquisa

- “nós examinamos a resposta do sujeito aos acontecimentos que afetam seus ‘parceiros’ (‘a ausência da mãe’)”.
- “esta resposta se faz ‘com seu objeto’ e este apoio permite que a criança em análise não fique ‘designada’ ‘nas fronteiras de seu domínio’, isto é, à infância e seus ideais; pois o objeto, mesmo hoje em dia, não se reduz aos *gadgets*”.
- “uma criança pode certamente vir neste lugar de ‘*gadget*’ do objeto *a* liberado, segundo a fórmula do **Seminário, livro 16, De um Outro a outro**, e posto em destaque por Éric Laurent. Porém, existe um fato de estrutura que constitui nosso recurso: seguindo passo a passo os traços significantes que recolhemos das ‘encantações’ das crianças analisantes, é este lugar de objeto que está no horizonte dessa ‘exaustão’, e o sujeito pode disso saber algo. O saber se chama castração”.

À guisa do objeto: no contexto do Seminário XI

Lacan refere-se ao jogo do *Fort-Da* como sendo aquele “sobre o qual todo mundo limpou os pés”, para afirmar, seguindo na crítica que fazia de um livro que à época era recente, que não é da oposição pura e simples do *Fort* e do *Da* que o jogo tira a força inaugural que sua essência repetitiva explica. “Dizer que se trata simplesmente para o sujeito de se instituir numa função de domínio é uma tolice. [...] Ele se exercita com a ajuda de um carretelzinho, quer dizer, com a ajuda do objeto *a*” (LACAN, 1964, p.225). Essa citação nos enseja um caminho na pesquisa.

Miller nos indica que o **Seminário 11** extrai lições dos 10 primeiros anos de ensino de Lacan (MILLER, 2005, p.166). E, nesse ensino, está, de modo muito patente, a relação da repetição com o objeto na qualidade de objeto perdido, ou seja, repetição simbólica e laço com a perda do objeto. Através do caráter simbólico da repetição, verifica-se o fato de que o significante anula o objeto e há uma substituição da satisfação que dele adviria pela repetição significante. “Até o **Seminário 11**, poderia parecer que a repetição seria pura e simplesmente rasura do objeto e que tudo que fosse de ordem natural, dado no começo, real, passaria ao simbólico, sem deixar resto” (MILLER, 2005, p.167).

A n o 01 - n º 01 - julho a dezembro de 2007 .

A partir do **Seminário 11**, Lacan dirá que, mesmo que o objeto perdido esteja anulado, a repetição insistirá nele, em sua procura, mas, ao fazê-lo, não o alcança. A repetição vai ao encontro de um real em relação ao qual ela falha. É também nesse seminário que Lacan separa o conceito de repetição em dois termos, a partir da referência de Aristóteles: *autômaton* e *tiquê*. São as duas causas encontradas em Aristóteles que não pertencem ao âmbito do necessário, mas do contingente, isto é, são acidentais, poderiam não ocorrer. Por essa clivagem da repetição, o *autômaton* reduz-se à insistência dos signos, e podemos considerá-lo assimilado ao princípio do prazer, e a *tiquê*, como "encontro com o real", é assimilada ao além do princípio do prazer. Justamente aqui podemos supor uma pista pela qual pudesse se explicitar a frase de Lacan, destacada anteriormente: "Dizer que se trata simplesmente para o sujeito de se instituir numa função de domínio é uma tolice. [...] Ele se exercita com a ajuda de um carretelzinho, quer dizer, com a ajuda do objeto *a*", pois pensar o jogo na vertente do *autômaton* seria reduzir o *além* do princípio do prazer à repetição, ao princípio do prazer. A *tiquê*, na perspectiva de irrupção do real como elemento heteróclito à cadeia causal, promove um intervalo. É a referência ao conceito freudiano do inassimilável à ordem do significante. Aqui, a repetição aparece determinada pelo trauma como real. O inassimilável é algo que não passa à representação, ou, dito de outra maneira, *não cessa de não se inscrever*. Isso importa no contexto da clínica. Não é simplesmente que não se inscreva, mas que, sendo o que *não cessa de não se inscrever*, é causa de novas transcrições.

Retomando os três tempos do *Fort-Da*, no citado seminário, apreendemos que Lacan, apoiando-se em Wallon, diz que não é de saída que o neto de Freud vigia a porta por onde saiu a mãe. Inicialmente, ele vigia o ponto mesmo, deixado vazio, o ponto que ela abandonou perto dele. A hiância que a ausência desenha, e sempre aberta, permanece causa de um traçado centrífugo — vemos aqui a idéia de movimento — em que o que falha não é o outro como figura em que o sujeito se projeta, mas aquele carretel ligado a ele próprio por um fio que ele segura; em que se exprime o que dele se destaca nessa prova — a automutilação — a partir da qual a ordem da significância surge. A "automutilação do sujeito" é uma expressão retomada por Miller, em sua leitura do **Seminário da Angústia**, na designação do pequeno *a* no real como uma estrutura conforme ao real, e sua irrupção é marcada pela separação, ou seja, o sujeito encarnado no corpo deve perder alguma coisa

A n o 0 1 - n º 0 1 - j u l h o a d e z e m b r o d e 2 0 0 7 .

(MILLER, 2005, p.79). Aqui tocamos na separação, porém não há separação sem alienação, operadores que Lacan usa para teorizar o mecanismo pulsional, a partir da relação do sujeito do inconsciente e o objeto. “Este carretel é alguma coisinha do sujeito que se destaca embora ainda sendo bem dele, que ele ainda segura”. Antes de mencionar o último tempo do *Fort-Da*, encontramos importante esclarecimento na passagem que se segue, tomada de uma elaboração de Éric Laurent:

“Nas ranhuras, nas centenas de ranhuras, feitas primeiramente sobre as folhas, não se escreve nada. Nenhuma libido deixa qualquer traço aí. Quando o sujeito toma na mão uma caneta e massacra a folha até fazer buracos, o *Fort-Da* não funciona. O sujeito não tem, pois, a possibilidade de escrever em algum lugar que sua mãe partiu. Não há ‘acomodação dos restos’ da partida da mãe. Com o *Fort-Da* e o carretel, quando a mãe se vai, a criança a recupera. No jogo, ela simboliza a ausência e a presença e encontra-se munida de um carretel a mais. Em seguida, o carretel transformar-se-á num urso de pelúcia. O que é um urso de pelúcia? É um carretel ao qual a criança recorre quando ela deve enfrentar uma separação. É uma ‘reserva de libido’, diz Lacan. Com esta pequena reserva, fora de corpo, o Outro pode partir. Ainda que ‘o Outro a deixe desolada’ por sua partida, resta-lhe isso. Com esta reserva de libido, ela pode mobilizar a angústia em que foi deixada pela partida da Coisa, a mãe real enquanto que ela é o lugar que humaniza a criança. Ela é o centro do mundo da criança e quando ela se vai, deixa-a numa ausência, onde não há mais significantes, onde não há mais traços. Ela parte com todos os significantes da criança. Se isso se passa de uma maneira ruim, a criança pode não ter nem mais um só significante para si mesma — todos partiram. Para poder falar, para poder escrever sem se esvaziar, é necessário, pois, que restem alguns, em reserva, no carretel, no urso de pelúcia. Com isso, a criança tem uma chance de suportar a angústia do nada de traço da presença da ausência” (LAURENT, 2007).
(2).

No terceiro tópico da proposta que orienta a experiência clínica com as crianças, “O objeto ao qual se aplica a marca significante — ‘a encantação’ — é ali que devemos designar o sujeito”, surpreende-nos a palavra “encantação”, formulação pouco usual como “marca significante”.

A n o 0 1 - n º 0 1 - j u l h o a d e z e m b r o d e 2 0 0 7 .

No texto “Les effets thérapeutiques de l’ expérience analytique” (MILLER, 2005), encontramos uma referência à palavra em questão. Nele, “encantação” é lembrada como a referência que Lacan toma, via Lévis-Strauss, dos efeitos produzidos através do xamanismo. Verifica-se o valor de encantamento produzido pelo apelo do xamã lançado a alguma coisa da ordem da natureza, a partir do qual se esperam os efeitos, movimentos em algo que é natural, como trovões, chuvas, enfim, milagres. Há um apelo do significante natural pelo significante da encantação, sem outra mediação. Pode-se dizer que o significante da encantação mobiliza o significante natural de modo direto. Se Sn. A magia da sugestão, referida ao discurso do mestre, constitui-se no fato de que o sujeito seja aspirado pelo significante da encantação. Aqui, há, diferentemente do que se tratava na anterior citação de Éric Laurent, os traços significantes. E, se vamos segui-los, passo a passo, na experiência analítica com as crianças, visando a “este lugar de objeto que está no horizonte”, é porque supomos que encravados nos significantes encontram-se os *objets a*.

Referências bibliográficas:

LACAN, Jacques. (1964) **O Seminário. Livro XI: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1991.

LAURENT, Éric. “Autisme et psychose: poursuite d'un dialogue avec Robert et Rosine Lefort”, **La Cause Freudienne Citoyen-Symptôme**, Paris, n.66, jun. 2007. Disponível em: <http://www.causefreudienne.net/publications/la-cause-freudienne/n-66/>. Acesso em: 18/11/2007.

MILLER, Jacques-Alain.(1994-1995) **Silet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

_____. (2005) “Introdução à Leitura do Seminário da Angústia de Jacques Lacan”, **Opção Lacaniana**, Revista Brasileira Internacional de Psicanálise, São Paulo: Edições Eólia , n.43, 2005, p.79.

A n o 0 1 - n º 0 1 - j u l h o a d e z e m b r o d e 2 0 0 7 .

_____.(2005) "Les effets thérapeutiques de l' expérience analytique", **Lettre Mensuelle** em La Lettre en ligne, maio 2005. Disponível em: <http://www.causefreudienne.net/publications/la-lettre-mensuelle/les-effets-therapeutiques-de-experience-analytique/>. Acesso em: 18/11/2007

Notas:

(1) Judith Miller, presidente do Campo Freudiano, em sua passagem por Belo Horizonte, na ocasião do III Encontro Americano, apresentou-nos, como proposta de trabalho, esse tema a ser desenvolvido no âmbito da psicanálise com crianças, no período de 2007 e 2008, igualmente eleito objeto de pesquisa no mesmo período pelos colegas franceses inscritos na Nova Rede Cereda.

(2) Agradecemos à nossa colega Cristina Drummond, que amavelmente fez a tradução da parte citada.